



Comentários *online* e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica

Online comments and the notions of stereotype and place in the context of polemics argumentation

Evandro de Melo Catelão

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

evandrocatelao@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3006-5051>

Amanda Bueno de Oliveira

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

amanda.buo@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2668-9267>

Resumo: Este estudo se debruça sobre uma análise descritiva de comentários *online* em uma publicação com temática homoafetiva no Instagram. Buscamos realizar um exame argumentativo dos dados utilizados pelos comentaristas em relação à presença e ao uso de estereótipos, lugares-comuns e as chamadas evidências comuns no interior de uma interação polêmica. Delimitamos um tipo de análise com noções e métodos da linguística de texto, ou mais particularmente, da Análise Textual/Discursiva (espaços textual e discursivo), assim como da Teoria da Argumentação no Discurso (delimitação dos tipos de dados utilizados) e da Análise do Discurso Digital (noções de tecnodiscurso e comentário *online*). Os comentários coletados apresentam características do que é definido como interação polêmica, ou seja, de uma argumentação envolta no dissenso. As análises permitem concluir que há uma forte tendência ao uso de argumentos com marcas estereotipadas ou como o que caracterizamos como evidências comuns, tanto em defesa quanto contra o tema da polêmica. Esse dado representa uma forte demarcação de espaço discursivo no momento de combate do ponto de vista e dos valores de grupos adversários.

Palavras-chave: comentários online; estereótipo; argumentação polêmica; análise textual/discursiva.

Abstract: This study focuses on a descriptive analysis of online comments in a homo-affective publication on Instagram. We seek to conduct an argumentative examination of the data used by commentators in relation to the presence and use of stereotypes, commonplaces and so-called common evidence within a polemics interaction. We delimit a type of analysis with notions and methods of text linguistics, or more particularly, Textual / Discursive Analysis (textual and discursive spaces), as well as the Theory of Argumentation in Discourse (delimitation of types of data used) and Digital Discourse Analysis (notions of technodiscourse and online commentary). The collected comments present characteristics of what is defined as polemics interaction, that is, of an argument wrapped in dissent. The analyzes allow us to conclude that there is a strong tendency to use arguments with stereotyped marks or as what we characterize as common evidence, both in defense and against the subject of controversy. This data represents a strong demarcation of discursive space at the moment of combat from the point of view and the values of opposing groups.

Keywords: online commentary; stereotype; polemics argument; textual / discursive analysis.

Recebido em 25 de fevereiro de 2021

Aceito em 28 de abril de 2021

Introdução

Os fios condutores argumentativos de interações em comentários *online* costumam chamar atenção em razão do apelo e da polêmica gerados. Não raro, o gênero aparece na maioria dos estudos ligado a uma argumentação de base conflituosa, em que chegar a um acordo não parece ser uma ação visada. Na interação polêmica, os grupos sociais, ao se juntarem contra ou a favor de um outro grupo, entram por um caminho de mobilização de suas próprias crenças e representações, traçando um universo rico aos analistas que se debruçam sobre esse fato. Ao firmar a defesa de um ponto de vista como foco, sua orientação argumentativa passa a figurar como defesa e/ou proposição de categorias axiológicas, as quais pretendemos relacionar nesse estudo à noção de estereótipo (AMOSSY, 2020).

Nesses limites, este estudo parte da seleção de um caso de polêmica gerada por uma publicação do jornal Estadão, em seu perfil do Instagram, intitulada “Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’”. Da amostra, por meio de uma pesquisa descritiva,

buscamos realizar um exame da argumentação em relação à utilização de dados para a construção do ponto de vista, em razão do uso e da presença de valores/estereótipos no interior da argumentação polêmica ou discurso polêmico. Para tanto, toma-se como ponto de referência parte do que tem sido discutido pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) (AMOSSY, 2018, 2020; AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001) em consideração às cinco modalidades argumentativas e às noções de estereótipos e lugar.

No que se refere às interações em mídia digitais, visamos ainda uma tentativa de ampliar as análises no sentido de considerar parte da perspectiva de Paveau (2017), sobre a Análise do Discurso Digital (ADD), circunscrevendo, além de aspectos relacionados à argumentação, uma caracterização dos gêneros digitais em correlação com os pressupostos mais recentemente adotados por pesquisadores, inclusive os autores no presente trabalho, na Linguística Textual, principalmente no Brasil. Nesse âmbito, por comentário digital ou comentário *online* estamos entendendo todo discurso que é produzido por internautas a partir de um texto primeiro num espaço que assume atualmente uma das principais “arenas” de interação das pessoas (*blogs, sites* de informação e redes sociais digitais) (PAVEAU, 2017). Seria nesse contexto e ambiente que as noções de estereótipo, lugar-comum e ideias compartilhadas poderiam ser incorporadas, já que resvalam também na modalidade argumentativa polêmica.

Apesar do grande número de estudos sobre comentários, justificamos a escolha do *corpus* tendo em vista a observação de Paveau (2017) de que o comentário é uma das formas tecnodiscursivas mais frequentes e mais ricas da *internet* e que, apesar de sofrer uma estereotipação negativa nas redes (sendo até mesmo banido por algumas plataformas), ainda apresenta muitas facetas a serem descritas. Acreditamos, por exemplo, que as noções destacadas poderiam ser incorporadas às análises, além da possibilidade de gerar um novo quadro quanto ao regime de categorização axiológica em limites retóricos, os quais temos defendido em estudos anteriores (CATELÃO, 2013, 2019), contudo agora com outras correlações, como o uso de evidências comuns, estereótipo e a geração de emoção (AMOSSY, 2020).

Para Plantin (2011), a argumentação por emoção pode ser assim reconhecida quando um determinado argumento utilizado pertence ao campo dos valores particulares, seja na intenção do enunciador, seja na

organização/escolha dos argumentos que vão compor o discurso. Nesse sentido, sustentamos a hipótese de que, no campo da argumentação, a busca pelo acordo (ou não) pode ser um ponto de geração de emoção, principalmente ancorada no preferível, ou seja, no campo dos valores, das hierarquias e dos lugares do preferível, além da conjuntura social e da polêmica em torno de determinados temas. O interesse por este objeto de análise está também pautado pela necessidade de mais estudos sobre a argumentação nos discursos em mídias digitais, principalmente integrando uma análise dos parâmetros das condições de produção desses enunciados no meio virtual.

1 Pressupostos de uma Análise do Discurso Digital

A Análise do Discurso Digital (ADD) estuda os discursos tecidos em uma coconstrução entre o humano e a máquina, relação em que essa última é entendida como parte e não apenas como suporte nas situações interativas. Considerada precursora na área, com a publicação do dicionário “L’analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques”, em 2017, Paveau traz novas definições para alguns conceitos, com base na Análise do Discurso (AD), engajada em uma contextualização dentro do aparato técnico do ambiente digital. Um desses conceitos, a noção de pré-discursos (PAVEAU, 2017), remete aos conhecimentos, às vivências, às crenças ativadas e reforçadas cognitivamente pelo locutor/enunciador nos momentos de produção e interpretação de um discurso que já nasceu digitalmente. Para a autora, esse aglomerado de saberes e experiências não é apenas individual, mas está assentado também socioculturalmente, intimamente ligado aos valores e interesses do locutor/enunciador. Os pré-discursos incluem as anotações constantes nos blocos de notas, rascunhos e outros suportes do tipo, os quais acabam por embasar ou servir como ponto de partida para discursos posteriores.

Seria nesse sentido, pensando em incorporações à linguística do texto, área à qual nos filiamos (ATD – Análise Textual/Discursiva), que essa ideia poderia ser relacionada aos princípios básicos do dialogismo bakhtiniano. Filiamo-nos, principalmente, aos parâmetros de análise dos discursos nativo-digitais, expostos por Paveau (2017) para a ADD, ou seja, aos parâmetros de análise de textos que nascem com/em relação às ferramentas digitais, ou ao conjunto de produções verbo-visuais

produzidas *online*. Na ADD, em termos interacionais e pensando no processo de criação dos tecnodiscursos, pode-se dizer que o produtor, ou seja, o internauta, interage com o espaço de produção, que por sua vez modula as condições e o formato dos enunciados ali elaborados. É nesse sentido que a autora explora a necessidade de novas ferramentas para a linha com o objetivo de, segundo ela, dar conta da revolução tecnológica e dos tecnodiscursos, tecnopalavras, tecnosignos e tecnogêneros do discurso.

Para os objetivos da presente pesquisa, optamos por um recorte entre alguns dos apontamentos realizados por Paveau, adicionando (mesmo que em contraste com a defesa de uma abordagem diferencial para os discursos nativo-digitais) algumas outras categorias já conhecidas na análise dos discursos pré-digitais, isto é, anteriores aos tecnodiscursos. Na perspectiva da autora, seria necessária uma forma de abordagem diferente da empregada pela AD para a análise dos discursos pré-digitais, uma vez que envolveria também o papel dos agentes não humanos na composição desses discursos. Reforçamos que esse percurso de adoção híbrida de teorias faz parte da tentativa de observação dos conceitos apresentados por Paveau, além de uma forma de compreensão própria dos termos propostos pela autora, iniciando com a contextualização de tecnodiscurso. Os tecnodiscursos representam os discursos nascidos digitalmente, ou seja, discursos que basicamente apresentam em sua composição elementos tecnolinguageiros ou que em sua estrutura estão configurados a partir de plataformas, interfaces ou ferramentas de escrita. Além desse termo, a autora apresenta a noção de tecnologia discursiva, essa concebida como um tipo de dispositivo no qual as produções linguageira e discursiva estão intrinsecamente ligadas a ferramentas tecnológicas como os dispositivos, os *softwares*, os aplicativos e a plataformas digitais (PAVEAU, 2020).

Aos tecnodiscursos Paveau (2017) atribui seis propriedades: **I) composição** – a matéria dos discursos digitais é facilmente composta por textos verbais, imagens, sons, gestos de reações, colagens, e pode assumir os mais diversos formatos ao explorar, na tela, os sentidos visual e auditivo; **II) deslinearização** – na *internet*, um texto estabelece, com outros textos, uma espécie de entrelaçamento, a que chamamos hipertextualidade, isto é, a conversão de uma expressão em *link*, o que oferece a possibilidade de acesso a conteúdos relacionados; **III) ampliação** – nas redes sociais digitais, bem como nos *sites*

informativos e *blogs*, as funcionalidades proporcionadas pelos botões “comentar”, “responder”, “compartilhar”, “*retweet*”, “*reblog*”, entre outras variações, permite que o internauta amplie o conteúdo com o qual interage; **IV) relacionalidade** – os tecnodiscursos estão relacionados entre si, ao mesmo tempo em que são produzidos a partir da relação entre o internauta e seu ponto de vista; **V) investigabilidade** – a partir de buscas textuais, imagéticas e sonoras, é possível acessar a memória da rede e, assim, encontrar o tecnodiscurso que se busca; **VI) imprevisibilidade** – uma discussão que começa no fio dos comentários de uma publicação não pode ter proporção ou rumo estimado, graças à dinâmica relacional que se estabelece no habitat digital.

Em síntese, essas seis categorias dos tecnodiscursos podem ser observadas nos diferentes gêneros de discurso que se apresentam digitalmente, sendo mais comuns aos textos de cunho informativo e às publicações nas redes sociais. Como exemplo ilustrativo, a Figura 1 traz em recorte uma página do Twitter e apresenta o *retweet* (uma replicação de conteúdo) da cartunista Laerte Coutinho sobre um *tweet* (nesta ocasião, o texto primeiro, ao qual o *retweet* se reporta) da *Folha de S. Paulo*, que contém uma charge de autoria de Laerte (2020). Quanto à **composição (I)** e à **deslinearização (II)**, a charge faz referência aos mil dias e aos quatro dias, completados em 8 de dezembro de 2020, dos respectivos assassinatos da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco – com inquérito ainda inconcluso – e das primas Emily Victória, 4 anos, e Rebeca Beatriz, 7 – baleadas enquanto brincavam no portão de casa, em Duque de Caxias/RJ, conforme o jornal *El País* (2020).¹ A mesma imagem ainda é representativa de um tipo de tecnodiscurso, a saber, a publicação em rede social digital, composta por elementos multimodais/multissemióticos. Entre os não verbais, temos as ilustrações que representam Marielle, Emily Victória e Rebeca Beatriz, além do avatar do jornal, um *emoji* de celular e os ícones gráficos do *retweet* (em que duas setas em ciclo simbolizam a replicação), a seta à esquerda representativa da função “voltar” e as *hashtags* (#). Esse tipo de

¹ BETIM, F. Assassinatos de crianças no Rio de Janeiro escancaram lentidão da Justiça nos casos de violência policial. *El País*, São Paulo, 9 dez.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-09/assassinatos-de-criancas-no-rio-de-janeiro-escancaram-lentidao-da-justica-nos-casos-de-violencia-policial.html>. Acesso em: 9 dez. 2020.

composição, facilmente encontrada em jornal *online*, conta com muitos elementos multimodais (I). As *hashtags* agrupam discursos digitais sobre um mesmo assunto por meio do ícone cerquilha (II). É possível perceber, ainda, as ferramentas que remetem à **ampliação** (III), como os botões “comentar”, “responder”, “compartilhar”, “*retweet*”. Observamos, por exemplo, que o texto foi ampliado: recebeu, até o momento da captura, 319 *retweets* e 43 comentários. Essas ações são capazes de impactar significativamente o alcance de uma publicação.

FIGURA 1 – *Retweet* de Laerte Coutinho



Fonte: Twitter, captura de tela. Acesso em: 16 fev. 2021.

Quanto à **relacionalidade** (IV), no contexto social em que se insere a imagem, é apresentado o espaço digital e todo o aparelho técnico que permite a concretização da interação (curtidas, *retweets*, *tweets* de comentários). O lugar de relacionalidade traz as reações que a publicação recebeu – 2,2 mil curtidas – bem como as menções, no espaço dos comentários, à *Folha* e à *Laerte*, por meio de seus nomes de usuário na rede (iniciados por @). As *hashtags* compilam tudo o que foi publicado sob sua marcação, contribuindo para um texto que não segue um padrão

linear **(II)**, mas antes está sempre entrelaçado com outros, numa espécie de malha digital. Os *links*, *hashtags* e menções permitem constatar a possibilidade de investigação (**investigabilidade [V]**) desses conteúdos, seja por meio de um clique ou de uma busca textual pelas palavras que são ali encontradas. Na *web*, é comum que as plataformas digitais ofereçam um espaço para busca textual, geralmente indicada pelo ícone lupa ou pelos termos “pesquisar” e “buscar” **(V)**. Todos esses elementos descritos garantem o caráter imprevisível (**imprevisibilidade [VI]**) do discurso digital, com a possibilidade de comentar o texto primeiro, prolongando-o e, ao mesmo tempo, oferecendo ao leitor novas orientações de leitura e de sentido. É, esse quadro interativo, um quadro de desdobramentos infinitos e imprevisíveis.

1.2 O comentário e a interação em mídia digital

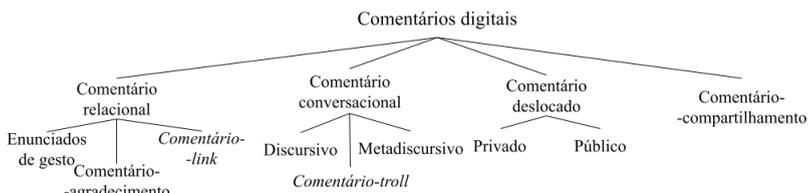
O comentário digital é um tipo representativo de gênero tecnodiscursivo. Segundo Paveau (2017), o gênero comentário pré-digital remonta ao século VI a. C. e se caracteriza, desde os primeiros registros, como um espaço para interpretações, sugestões, explicações e até mesmo um simples dizer sobre alguma coisa. Desde então, vem evoluindo e é um gênero onipresente na atualidade, nos mais diversos campos e formatos. Ao migrar para a *web*, transformando-se em comentário *online*, sofre modificações tanto em relação ao formato quanto ao conteúdo, fatores que impactam em sua complexidade. Na *web*, não é raro, por exemplo, encontrar o comentário digital associado à polêmica, além de situações em que assume um propósito destrutivo sobre a imagem de alguém.

Segundo Paveau (2017), o comentário digital é um tecnodiscurso definido por cinco aspectos/dimensões: **I) enunciação pseudônima** – a forma como os enunciados *online* são assinados, isto é, por um nome que identifica o usuário, configurando-se o pseudônimo como uma regra *online*; **II) relacionalidade** – forma relacional que se estabelece na *web* de acordo com as condições que o ambiente digital oferece à produção do discurso – como o espaço materialmente delimitado para comentários, a possibilidade de mencionar o destinatário por meio da conversão de seu pseudônimo em *link* e a função de receber notificações quando um novo comentário é publicado; **III) conversacionalidade e recursividade** – perspectiva que aponta para a infinitude de uma conversa *online*, sempre passível de continuação e prolongamento, o que se deve

aos já citados botões como “comentar” e “responder”, por exemplo; **IV) aumento enunciativo e discursivo** – o comentário digital aparece como um aumento visível e, a depender da plataforma, mensurado, do texto ao qual se reporta, ao mesmo tempo que, discursivamente, amplia e direciona os sentidos do texto primeiro; **V) publicidade e visibilidade** – traços que, nas redes sociais digitais, dependem das configurações do usuário, mas que, no geral, tornam o comentário *online* incomparável ao comentário *offline* no que se refere ao alcance.

A Figura 2 ilustra as tipologias dos comentários digitais com base nas cinco dimensões propostas.

FIGURA 2 – Tipologia dos comentários digitais



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Paveau (2017).

Na figura, o **comentário relacional**, assim denominado por não se configurar isoladamente um texto, está subdividido em três formatos: a) enunciados de gesto, que contêm um discurso implícito e comumente expressam uma emoção (“like”, do Facebook, “curtir”, do Instagram e Twitter, entre outros); b) *comentário-link*, composto por um *link* cuja função é induzir visitas a um *site* (*link* para um vídeo, publicação em *blog*, notícia, etc.); e c) comentário-agradecimento, que não produz discurso acerca do conteúdo ao qual se reporta, caracterizando-se como um “ato performativo” com “função principalmente social” (comentários como “obrigado” em publicação que parabeniza uma pessoa por algo). O **comentário conversacional** materializa discursos por meio de enunciados que ampliam visivelmente o texto primeiro e está igualmente ramificado em três: a) discursivo, quando prolonga o texto primeiro, manifestando posição favorável ou desfavorável em relação ao conteúdo publicado anteriormente (exemplo: comentários em portais de notícias); b) metadiscursivo, quando comenta a forma do texto anterior (comentários que criticam práticas jornalísticas em um portal de notícias; comentários sobre a ortografia, etc.); e c) *comentário-troll*, que objetiva

promover confusões, não raro utilizando-se de violência, ou comentar sobre questões inoportunas (por exemplo, em uma notícia de grande repercussão, comentários que desviam o foco e provocam o riso sobre outro assunto qualquer). O **comentário deslocado** é definido como um enunciado que não é realizado nos espaços destinados especificamente à publicação de comentários, não sendo assim reconhecido como tal, e assume duas modalidades: a) privado, quando publicado em *chats* de redes sociais ou *blogs* ou enviados por *e-mail*, como notificações sobre um comentário recebido em uma publicação do Facebook; e b) público, que apresenta uma resposta transformada em publicação (um artigo de *blog* sobre um comentário recebido por *e-mail*). Por fim, o **comentário-compartilhamento** ou pseudocomentário não é passível de codificação como comentário pelos metadados das plataformas digitais e consiste em um compartilhamento, podendo ou não ser acompanhado por um enunciado (“*reblog*”, do Tumblr; “*retweet*”, do Twitter).

Dessas descrições, reforçamos que os conceitos discutidos são passíveis para elaboração de um intrincado esquema de análise que pode permitir a descrição dos discursos encontrados na *web*. Como dito, pretendemos relacioná-los também aos aspectos direcionados aos estudos argumentativos, como apresentaremos nas próximas seções.

2 Pressupostos da Teoria da Argumentação no Discurso

No quadro do funcionamento discursivo das interações sociais, Amossy (2018) elabora uma abordagem argumentativa do discurso com atenção ao percurso histórico das teorias da argumentação. De acordo com a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), a argumentação se faz presente quando pontos de vista divergentes sobre um mesmo assunto são expressos em enunciados de opinião (AMOSSY, 2018, p. 42). Essa abordagem se dá num recorte que considera a noção bakhtiniana de dialogismo da linguagem e se constrói com base em fundamentos retóricos, pragmáticos e lógicos da argumentação. Aqui, optamos por trabalhar com os preceitos da Retórica e da Nova Retórica, no que diz respeito às contribuições fornecidas à TAD.

Baseada nas premissas de uma retórica definida pela intenção de persuadir o auditório e de uma nova retórica pelo estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas com vistas ao acordo (como também veremos

mais à frente), Amossy (2018) apresenta que essas correntes, além de mudarem o panorama de estudos da argumentação, atentaram ao seu caráter social. Conforme a autora, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) priorizam, por exemplo, na busca pelo acordo, a adaptação do discurso ao auditório. O orador, conhecendo e considerando em seu discurso as opiniões e valores dominantes entre o público ao qual se dirige, deve:

[...] levar seu auditório a aderir a uma tese mais ou menos controversa, ele [o orador] deve partir de pontos de acordo: trata-se das premissas da argumentação, que permitem estabelecer uma comunhão dos espíritos construída sobre valores e hierarquias comuns. (AMOSSY, 2018, p. 21)

Todo discurso se inscreve, assim, num contexto, indispensável à análise argumentativa. Amossy (2018, p. 41) propõe, então, uma análise argumentativa do discurso apoiada em seis pilares, a saber, uma abordagem: **1) linguageira**, que rejeita o reducionismo de uma argumentação lógico-matemática, consciente de que ela é decorrente de uma articulação lexical e sintática, espelho do repertório e das escolhas do orador; **2) comunicacional**, pois a argumentação nasce da interação, de uma relação que pressupõe contato e que assume um propósito; **3) dialógica**, porque toma como base enunciados anteriores, nos quais se apoia a fim de emitir um parecer, seja de concordância ou de novo ponto de vista, caracterizando-se como uma reação; **4) genérica**, uma vez que o discurso é dependente de um gênero discursivo para se concretizar; **5) figural**, considerando que as marcas de estilo também exercem um papel significativo no processo de construção discursiva; **6) textual**, entendendo o texto como um conjunto organizado, resultado da concretude das escolhas, dos reflexos da interação, dos discursos que retoma, do gênero em que se inscreve e das imagens que pretende criar no imaginário do auditório.

Essas noções acabam por se configurar em quadro analítico da TAD que, aliado a outros conceitos, como de valor, valoração, estereótipo, pode contribuir à análise em questão neste estudo.

2.1 Modalidades argumentativas e a noção de estereótipos

Da gênese discursiva e retórica à qual se filia a TAD, Amossy (2017) apresenta os campos definidores do como e do onde se operam, por exemplo, os discursos demonstrativos, polêmicos, patêmicos, entre

outros, tendo em vista certas distinções sobre a forma como se delibera no decorrer das interações. Isso leva a autora a propor uma concepção modular da argumentação em um *continuum* que vai, ao nosso ver, do acordo ao dissenso e que seria fortemente condicionado pelos gêneros e pelos tipos de discurso. Pensamos, para exemplificação desse *continuum*, uma espécie de representação das deliberações como em um termômetro em que o locutor ou o analista poderiam situar o discurso conforme o tipo de interação (CAVALCANTE *et al.*, 2020). A polêmica estaria representada como parte do dissenso, enquanto as outras modalidades argumentativas – coconstrução, pedagógica, patêmica e demonstrativa – seriam mobilizadas no campo do acordo (FIGURA 3):

FIGURA 3 – Modalidades argumentativas



Fonte: Catelão *et al.* (2020, p. 3. No prelo).

Enfatizando apenas a modalidade polêmica (foco deste estudo), vemos essa modalidade como “um conjunto de intervenções antagônicas sobre uma dada questão em um dado momento” (AMOSSY, 2017, p. 72). Nesse mesmo âmbito, figuraria dentro da modalidade polêmica a distinção: interação polêmica e discurso polêmico, formas que a polêmica pode assumir. Baseando-se em Kerbrat-Orecchioni (1980, *apud* AMOSSY, 2017), a autora define discurso polêmico como um tipo de produção em que há apenas o locutor presente, o que não o impede de inserir o discurso do outro. Trata-se, pois, de um discurso monogerido, dialógico, mas não dialogal. A interação polêmica, por sua vez, está acrescida de uma figuração poligerida, ou seja, a presença de um face a face ou até mesmo em uma interação assíncrona (como é o caso dos comentários *online*).

Para Amossy (2018), não se pode deixar de considerar na argumentação sua dependência do quadro discursivo dos gêneros em que “o bom desenvolvimento da troca verbal é tributário do domínio do qual ela depende do gênero na qual se insere” (AMOSSY, 2018, p. 243). A autora sinaliza o papel que essas entidades apresentam na construção dos discursos, no que tange certas regras emanadas dos gêneros. Entre essas regras estão: o reconhecimento e a valorização pelas instituições; a socialização da fala individual; e, principalmente (para esta pesquisa), o ponto que resvala na esfera enunciativa, de que, sem a mediação dos gêneros, uma interlocução seria impossibilitada, chegando os próprios gêneros a determinar papéis enunciativos. Como exemplo, citando Maingueneau em seus conceitos de cena genérica e cenografia, a autora ilustra a cena usando como exemplo o gênero panfleto de campanha eleitoral. O aspecto mais saliente para a cena está relacionado às figuras de interlocução candidato/eleitor, impostas pelo gênero. A cenografia, por outro lado, se inscreveria em espécies de roteiros livres e preestabelecidos pelo locutor segundo seu alocutário, onde também se inserem as noções de estereótipo e *ethos*. Não utilizaremos necessariamente essa conceituação anterior de Maingueneau (1999), contudo, salientamos a importância de situar em qual espaço seria mobilizada uma análise dos estereótipos. Em nossa filiação, marcaremos esses elementos no campo das representações discursivas (figuras de locução e enunciação).

Nesse ponto, situamos um campo de análise mais ligado aos pressupostos da linguística de texto, de ligação da noção de estereótipo com as relações ancoradas no sistema de crenças e valores e como parte das representações discursivas dos sujeitos. Para Amossy (2020) e Amossy e Herschberg-Pierrot (2001), a questão do estereótipo passa por um estudo histórico das locuções e expressões cristalizadas que muito se assemelham e se relacionam com o que viemos repetindo em nossos estudos (CATELÃO, 2019) como lugares-comuns ou doxa, contudo, cada qual em seu plano teórico. Nosso propósito de descrição do tema será semelhante ao realizado por Amossy (2020), que tratou a noção de estereotipia por meio de três grupos principais: o grupo de estudos ligados à semântica, como a semântica do estereótipo e dos protótipos e da enunciação; o grupo que retoma o assunto pela análise do discurso; e, por fim, o grupo da retórica argumentativa (ao qual nos filiamos).

No primeiro, conforme a autora, o destaque maior gira em torno das expressões ditas cristalizadas (das locuções e dos clichês, *slogans*,

bordões), descritas de diferentes formas e em diferentes disciplinas ao longo da história. Talvez, para nós, o destaque maior seria o observado na chamada semântica do protótipo e do estereótipo. A noção de protótipo está ligada à obra de Eleanor Rosch junto aos processos de categorização. A categorização, muito empregada nos estudos sobre protótipos, centra-se na obtenção das características mais elementares e que indicariam o melhor exemplar da espécie, ou seja, atração às características mais comuns do exemplar analisado – uma baleia ser mamífero por ter mama e pelos, por exemplo, apesar de se assemelhar aos peixes (ROSCH, 1978). O estereótipo, por sua vez, marca o conjunto de ideias que, por convenção, estariam associadas a uma determinada palavra e em uma determinada cultura. O estereótipo da sogra seria um bom exemplo, que, marcando-se pejorativamente, seria uma espécie de *persona non grata* na cultura ocidental representada de forma figurada em programas de TV. Conforme salienta Amossy (2020), apesar de semelhantes, essas duas noções na semântica se distanciam quanto ao seu objetivo: o protótipo categoriza e o estereótipo organiza socialmente a comunicação com base na cultura, ambos diferentes do clichê, uma noção estilística, caracterizada pela autora como de efeito de estilo banal (“quem senta na ponta, paga a conta”), mas que comporta diferentes formas. Nessa mesma linha, não poderíamos deixar de citar a semântica da enunciação de Ducrot. Entretanto, por razões de filiação e para não realizar uma simplificação demasiada, nos deteremos neste estudo à citação de sua importância, principalmente quanto à noção de topos aos estudos linguísticos.

O segundo grupo caracteriza a noção de estereótipo no campo da análise do discurso. Segundo a autora, uma síntese dessa noção poderia ser direcionada à ideia de representação coletiva cristalizada ou à de pré-construído, introduzida por Michel Pêcheux (1975), uma concepção relacionada à ideologia ou análise ideológica dos discursos. Linguisticamente seria correspondente “a formas de incorporação da sintaxe, como as nominalizações (o chamado da pátria), ou a construção com epítetos (um luxuoso Mercedes Benz)” (AMOSSY, 2020, p. 118). Essa e outras noções foram sendo expandidas, contudo, pela visão da autora, em um quadro pouco rico, mas favorável ao seu estudo.

Por fim, por uma preferência analítica, destacamos um terceiro grupo, encabeçado pela retórica, que, como apresentado anteriormente, em Aristóteles encontra seu primeiro respaldo na busca pela adesão ou no uso da linguagem com finalidade persuasiva e, na obra de Perelman e

Olbrechts-Tyteca (1996), a busca pelo acordo segundo o uso de técnicas. Grosso modo, nas correntes retóricas a aproximação que pode ser feita está ligada à ideia de lugar-comum como técnica ou meio de persuadir, vindo “no acordo sobre os valores uma prova de sua validade, mas também porque, no campo da argumentação, o critério de avaliação é a eficácia da palavra” (AMOSSY, 2020, p. 112). Segundo a autora, os estudos argumentativos mais recentes encaram a estereotipia e a doxa (opinião comum) como algo positivo, cujo foco seria um raciocínio que se baseia no aceito e no verossímil, independentemente de comprovação científica.

Em termos de observação da relação estereótipo/doxa, a focalização dada pela autora contribui à distinção argumentativa entre lugares-comuns (comuns a todos os gêneros retóricos da argumentação – deliberativo, judicial e epidíctico) e lugares específicos (relacionados a um gênero em particular – o belo relacionado ao epidíctico, por exemplo). Analiticamente, destacamos entre as apresentações da autora, que uma análise retórica pela estereotipia visa “encontrar os elementos dóxicos constitutivos da argumentação em sua manifestação social e ideológica (ideias comuns, evidências compartilhadas, estereótipos)”, assim como em sua inscrição na língua, pela visão pragmática (AMOSSY, 2020, p. 116). Citando Angenot (1982, *apud* AMOSSY, 2020), a autora aponta uma possibilidade analítica pela distinção do lugar-comum, ideia comum e o estereótipo.

Desses pressupostos, chegamos às seguintes observações gerais para as análises neste estudo: existe uma possível aplicação analítica quanto à relação entre modalidades argumentativas e o tipo de discurso (monogerido ou poligerido) no plano genérico, uma vez que a modalidade polêmica se revela emblemática no que se refere ao uso de argumentos e aos papéis enunciativos (proponente, oponente, terceiro – descritos mais à frente); em gêneros como o comentário *online*, parece haver um tipo de ancoragem/dominância junto ao uso de estereótipos e dos lugares em contraste, por exemplo, com o uso de fatos e verdades. Interessa-nos particularmente visualizar que tipo de classificação axiológica poderia ser redesenhada quanto ao lugar-comum, às evidências compartilhadas e ao estereótipo. No Quadro 1, definimos uma possibilidade analítica (expandida de estudos anteriores – (CATELÃO, 2019; CATELÃO; IZIDORO, 2020) com base em Amossy (2020).

QUADRO 1 – Ampliação de categorias argumentativas do limite do preferível

Estereótipos	Máximas ideológicas ou esquemas sociais e culturais em imagens mentais que são convencionadas e acabam como traços semânticos cristalizados. Podem ser positivos, com marcas de identificação social, ou negativos, delineando comportamentos errados.	
Evidências comuns	Proposições cuja chave é algo plausível ou algo baseado na opinião comum.	
Lugar	Lugar-comum	Locução facilmente direcionada aos diferentes gêneros retóricos e temas sob as categorias possível/impossível, existente/inexistente, maior/menor (valores gerais).
	Lugar específico (doxa)	Locução relativa a um gênero específico (grupo). Recupera um apanhado de crenças e valores determinados, também caracterizado por premissas generalizantes em que se pode apoiar o raciocínio.

Fonte: Os autores.

O tipo de descrição presente no Quadro 1 exhibe uma tentativa de organização de certas categorias apresentadas por Amossy (2020), com reconfiguração nossa com base em categorização axiológica. A complexidade dos termos (em relação à filiação teórica) não permite, ao nosso ver, trazer características mais finas. Nossa intenção é justamente seguir parte do que descreve a autora com base em Angenot (1982, *apud* AMOSSY, 2020) e Eggs (1994, *apud* AMOSSY, 2020), selecionando os estereótipos, as evidências e o lugar segundo um quadro de categorização axiológica que marque esses elementos, por exemplo como um valor ideal, irreal, apreciável, hierárquico, polarizado. Nesse quadro de descrição, reforçamos tratar-se de modalidades que, diferentemente do acordo com o real (fatos, verdades e presunções), estão ligadas ao campo do preferível (valores, lugares e hierarquias), ou seja, argumentos ou proposições que não dependem de comprovação, mas são fruto de opiniões ou de valorações baseadas em evidências comuns ou que não podem ser atestadas (por isso a tentativa de classificação). Acreditamos que esse quadro seria particularmente utilizado em gêneros da modalidade polêmica, o que representaria também dizer tratar-se de uma argumentação ligada à contradição e ao debate, com utilização de tipos de argumentos aos quais o auditório não é obrigado a aderir (diferentemente dos fatos).

3 Análise de comentários *online*: tecnodiscurso e polêmica

Como apresentado na introdução, este estudo caracteriza-se por uma análise, predominantemente descritiva e de seleção de conceitos teóricos (análise textual/discursiva vinculada à linguística textual) para testagem em comentários *online* a respeito da polêmica gerada a partir da publicação de uma notícia do jornal Estadão em seu perfil do Instagram, intitulada “Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’” no ano de 2020. Para fins analíticos, optamos pela seleção e destaque de uma parte da interação polêmica completa, tomando o cuidado de preservar a primeira parte do debate a partir da notícia disparadora da polêmica. Salientamos a observação de que os sujeitos que apresentam suas opiniões em ambientes virtuais possivelmente estão conscientes quanto à publicidade de suas publicações. Contudo, optamos por preservar ao máximo suas identidades, mantendo apenas codinomes ou conteúdos que não indiquem necessariamente o locutor, mas que ao mesmo tempo preservem o teor de seus discursos, principalmente no que se refere ao estereótipo².

Como ponto de partida, primeiro definimos, para a observação dos comentários, a marcação do ponto de vista (PdV) também entendida por sequência argumentativa dominante (CATELÃO, 2013) – expresso frente à proposição de anúncio de gravidez por um casal composto por duas pessoas do mesmo sexo (“Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’”), ou seja, tomamos também o gênero notícia como disparador dos comentários (amplificador) e, em segundo lugar, o comentário da atacante Cristiane como gênero disparador primeiro. Nesse contexto, delimitamos certa esquematização discursiva quanto à responsabilidade enunciativa de cada um dos locutores/enunciadores (a atacante e o jornal), uma vez que a ação visada também é diferenciada nos dois gêneros.

Por questões de espaço, a descrição e utilização dos exemplos ocorrerão de forma aleatória, uma vez que a interação nos comentários é também marcada pela deslinearidade e imprevisibilidade. Os textos selecionados serão demarcados segundo sua citação na descrição, com a letra C, de comentário, seguida do número que marca o momento de citação neste estudo (C1, C2, C3 e assim por diante), de forma não repetida. Para a notícia do Estadão no Instagram, utilizaremos N1.

² Os comentários constantes deste trabalho têm acesso aberto na internet e não necessitaram de autorização prévia de seus autores para utilização com fins de estudo.

3.1 Quanto às propriedades tecnodiscursivas e à interação em mídias digitais

Tomando como ponto de partida a noção de tecnodiscursos, discursos nascidos digitalmente que apresentam em seus formatos tanto elementos tecnolinguageiros quanto configurações baseadas em suas próprias plataformas e interfaces, destacamos apenas as características interacionais do nosso corpus, as quais resvalam no alcance da interação quanto à composição em termos de curtidas, comentários e compartilhamentos (respectivamente, ♥ ◻ ↗ ou ♥ ◻ ▽). Todas essas ferramentas acabam por perpassar pela terceira característica própria dos tecnodiscursos, a ampliação, a forma de divulgação e aproximação ao interlocutor. Como mencionado anteriormente, no caso em particular, temos também uma espécie de ampliação enunciativa quanto aos locutores/enunciadores (o jornal, a atacante). Mesmo que a ação visada seja diferente, a divulgação da notícia pelo jornal, em inter e hipertextualidades, amplia o alcance do comentário primeiro, de forma que o *ethos* prévio do jornalista funciona discursivamente como parte da representação discursiva gerada. Mesmo que este não seja nosso objetivo, o resultado das interações pode ou não argumentativamente estar ligado a esse gênero. De forma discursiva, o comentário no Instagram passa por um canal bem amplo e difícil de mensurar em termos de carga argumentativa, o que nos leva à imprevisibilidade de conteúdo e dos rumos das opiniões e, ainda mais, à relacionalidade, ou seja, questionar em que medida um comentário se relaciona a outro (ou à notícia) ou se distancia em relação à sequência argumentativa dominante (tese principal).

Quanto à tipologia, a própria replicação de conteúdo – transformação da publicação da atacante em notícia – é um exemplo representativo de comentário-compartilhamento e, nessa situação, acompanhado de um enunciado/legenda. Além disso, encontramos no encadeamento de comentários uma sequência prototípica de comentários conversacionais que, por característica, se ligam à notícia/texto primeiro. Em contrapartida, um aspecto que chama atenção é o de que um comentário primeiro (o da atacante, gerador) leva à notícia (N1, com outros usuários em sua página) que, por sua vez, como aspecto também relacional, leva a novas ampliações nesse meio e a interlocutores que não necessariamente estão vinculados ao primeiro grupo. Em outras palavras, aí se expressa a deslinearização em um entrelaçamento por vezes

intertextual e por vezes hipertextual, como anteriormente mencionado. Na busca pelos referentes de sentido ou para a atribuição de sentidos, a propriedade tecnodiscursiva da investigabilidade permite que os usuários se atualizem (caso desejem) quanto ao conteúdo e aos enunciadores.

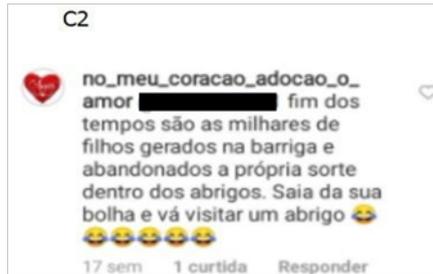
N1 – Notícia geradora



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Seria redundante, de certa forma, reafirmar as dimensões dos comentários, contudo, pensando no entrelaçamento com a modalidade argumentativa, alguns desses aspectos contribuem à força dos argumentos utilizados. O tipo de enunciação pseudônima, o aumento enunciativo e a publicidade/visibilidade podem ser indicativos de marcas de estereotipia, ou seja, o pseudônimo pode revelar-se um estereótipo ou até mesmo um lugar-comum como em C2.

C2 – Enunciação pseudônima



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Esse exemplo assume uma marca enunciativa que reforça, na argumentação, o lugar do sujeito enunciator, uma espécie de marca do estereótipo, como em C2: *no_meu_coracao_adocao_o_amor*. Esse pseudônimo pode ter, além da possível representação de uma empresa, entidade ou grupo social, certa carga semântica/enunciativa que emoldura o tipo de orientação argumentativa do locutor/enunciador, a ser discutido no próximo tópico.

3.2 Quanto à interação polêmica e ao uso de estereótipo, lugar-comum e ideias comuns

Para este tópico, contextualizamos inicialmente que nossa abordagem opta por visualizar planos analíticos para a linguística de texto com noções incorporadas de outras áreas, como a retórica ou propriamente a TAD. Nisso, para a presente seção de análise, coadunamos para um plano de análise genérico de visada persuasiva, próximo ao realizado pela TAD com a retórica. O uso dos argumentos estaria, assim, ligado também à adesão ao ponto de vista ou, no caso do discurso polêmico em comentários *online*, ao debate, à apresentação das opiniões e geraria as frentes enunciativas (proponente, oponente, terceiro), em que a noção de auditório se amplia no sentido de revelar-se em relação aos pontos de vista antagônicos de uma dada tese polêmica (contra/a favor). Quanto à polêmica, historicamente encontramos diferentes temas ditos polêmicos – como o caso em questão da homoafetividade – e, nas palavras de Amossy (2017), tipos de intervenções antagônicas sobre um dado tema. Por conta do dialogismo, podemos identificar vários outros embates que se repetem não importa a época. As frentes de adesão e dissenso vão se formando,

diluindo, enfraquecendo e novamente tornando-se fortes, mas os temas tendem a pouco se alterar.

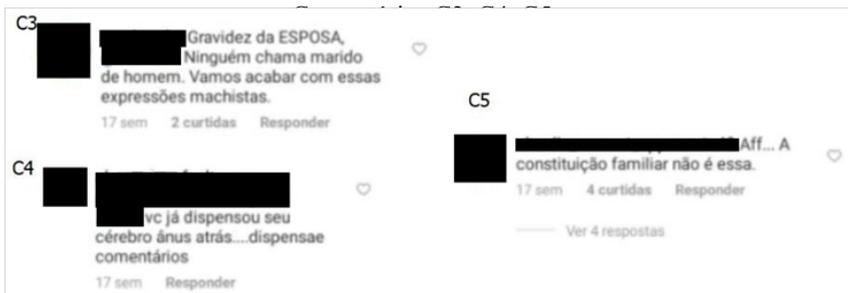
Nos comentários, isso não é diferente, sendo este um gênero que nas mídias digitais vem se definindo como marcadamente polêmico (PAVEAU, 2017). Desde o comentário pré-digital (uma redação escolar, por exemplo) ao comentário *online*, seria praticamente impossível dizer que um comentário é simplesmente admitido, uma vez que sua base argumentativa (ação visada) está embasada, na maior parte dos casos, em correção ou crítica. Nos parentes pré-digitais, a mudança maior talvez esteja nos tipos de argumento empregados (fatos, verdades, valores) ou sentida na ampliação e na imprevisibilidade que um comentário *online* pode assumir. Na prática, sua composição em termos de hospedagem é infinitamente maior, a hipertextualidade e os sistemas de compartilhamento são maiores, apesar da sequencialidade da argumentação seguir praticamente a mesma (tese anterior, dados, restrição, nova tese – ADAM, 2019), mesmo que o aspecto da recursividade (reprodução e atualização) seja indefinido. Plataformas como o Instagram permitem tudo isso e acabam por se tornar um repositório de dados e de argumentos sobre determinados temas, como no caso em análise.

Em nosso recorte, situaremos a polêmica gerada apenas em torno da homoafetividade, destacando outras categorias relacionais que são suscitadas em torno do tema, como o machismo, e a presença ou não de fatos ou verdades. Nisso, delineamos para as descrições, segundo Plantin (2011), os actantes: proponente, oponente e terceiro (quem questiona a proposição, indeciso). Além disso, pretendemos também descrever: o uso do estereótipo, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese; lugar-comum, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese; evidências comuns, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese. Para o discurso polêmico, situaremos como ponto de vista (PdV) da sequência argumentativa dominante (conceito utilizado por Catelão (2013), para se referir à sequência base da proposição argumentativa), a proposição “homossexualidade, portanto, construção familiar normalizada”, tese principal possível encontrada em N1, texto segundo disparador.

3.2.1 O estereótipo

Os estereótipos encontrados para o primeiro plano de análise, até a data da coleta, compreendem usos de máximas ideológicas tanto

em relação de oposição ao PdV principal quanto de acordo. A carga de categorização axiológica ocorreu particularmente por marcas ideológicas vinculadas ao machismo (C3); ridicularização com o estereótipo da falta inteligência (C4); contra a tese, apenas um exemplo em que a orientação argumentativa foi a de formação familiar tradicional com base em negação do PdV (C5). Aqui os estereótipos se relacionam à imagem de pessoa e ao assunto, selecionando parte de julgamentos sociais sobre o admissível e o esperado, ou seja, o que previamente foi valorado em identidade social (C5) ou erro de conduta (C3 e C4).



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

3.2.2 Lugar-comum

O caso dos comentários quanto ao tipo de ação visada pareceu, neste caso, ligar-se, como descreve Amossy (2020), ao gênero epidíctico (louvor/censura). Nesse caso, adotando a perspectiva da autora, teríamos a marcação de lugar específico, com recuperação direta das crenças e valores dos locutores/enunciadores. Em C8, C10 e C11, lugares de carga axiológica religiosa, uma contra o PdV como em “Eh fim dos tempos” (C8), “Deus deve se perguntar: onde foi que eu errei?” (C11) e outra (C10) de acordo com a tese “[...] Todo tipo de família que é envolvida por laços de carinho e amor é uma criação divina”. C12 compreende uma proposição que compartilha três lugares específicos em contradição: “[...] a maioria do povo do mundo está pelo averso coisa do capeta mesmo só Jesus na causa!!!” (sic), marcando dissenso. C7 e C13 marcam contradição pelas proposições “O mundo está louco mesmo” e “o mundo está ao contrário e ninguém reparou”, respectivamente, próximas a C8

(fim dos tempos, fim do mundo, mas que estão em alusão bíblica). Por fim, encontramos em C6 uma proposição que não estaria em relação ao PdV principal, mas em uma interação de autodefesa frente aos comentários contra a tese principal, um comentário discursivo e metadiscursivo, uma vez que comenta o conteúdo do comentário anterior, referindo-se ao comentarista e à forma como ele se comporta *online*: “Quando falta intelecto, sobra agressão”.

Comentários C6, C7, C8, C9, C10, C11, C12, C13.



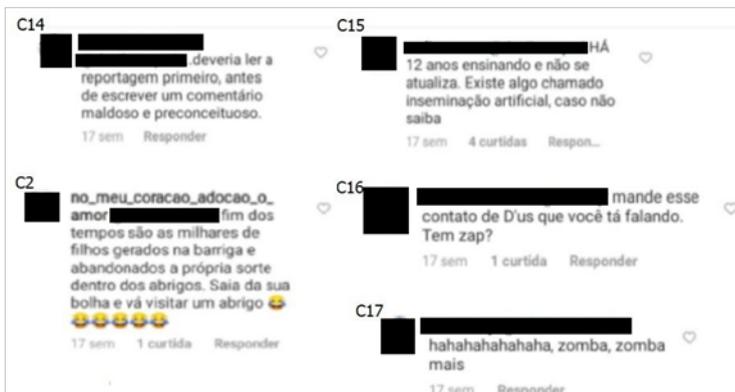
Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Em relação a uma categorização axiológica, é possível perceber uma forte influência de fatores ideológicos/religiosos no tipo de dado utilizado. Os dados se baseiam então no preferível, marcando pontos de fala desses enunciadores (contra ou a favor), chamando atenção para a evocação de emoção na proposição de C10 (qualquer família envolvida por laços de carinho e amor são parte de uma criação divina), uma tentativa de explorar o que Plantin (2011) chama de subordinação de premissa, quando um valor mais alto (a fraternidade, por exemplo) busca a superação do conflito de valores mesmo que se fale de lugares opostos.

3.2.3 Evidências comuns

O quadro das evidências comuns foi o tipo mais encontrado entre os comentários selecionados, compreendendo um grupo de cinco comentários em acordo ao PdV principal e onze comentários que marcaram dissenso quanto ao PdV de N1 e ao comentário disparador/origem C1. Entre os que se mostram de acordo com a tese, as principais evidências comuns foram marcadas pelos dados: C14 coloca a imprensa como algo confiável; C2 defende que o abandono das crianças em abrigos seria (isso sim) algo representativo do fim dos tempos; C15 cita a inseminação artificial como possibilidade de novos padrões de nascimento; C16 admite a inexistência de Deus (D'us); C17 ridiculariza o ponto de vista de C16, o que representaria mais um caso de comentário conversacional metadiscursivo.

Comentários C14, C2, C15, C16, C17.



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Entre as evidências comuns que procuraram marcar dissenso, encontramos no corpus marcas de argumentos ligados também a valores ideais de família composta da relação homem/mulher (C18, C19, C20, C210). Nesse sentido, a maior parte dos comentários se direcionou sobre o dado de impossibilidade de gravidez entre um casal composto por mulheres, direcionando de uma forma geral ao estereótipo da família, contudo gerido por um tipo de verdade (a concepção tradicional) em desmerecimento às outras técnicas de inseminação, como em C21: “Só passei para lembrar que duas mulheres não se reproduzem”, no mesmo sentido apresentam C22, C23.

Percebe-se, nesse caso, que a relutância quanto ao acordo não está fundada somente em um dado do real, mas também (em nível mais alto) em valores e hierarquia de valor, a superioridade do relacionamento heterossexual em relação ao relacionamento homossexual, por exemplo, trazendo certa busca pela tomada de lugar no discurso. Como apresenta Plantin (2011), há na argumentação um silogismo em que a manutenção da identidade de um grupo (e sua valoração por essa identidade) é um valor positivo, e abrir essa identidade aos outros grupos coloca em perigo essa identidade. É nesse sentido que o autor afirma que não se pode excluir um valor, mas pode-se hierarquizá-lo, como fazem os locutores/enunciadores nesses comentários.

Comentários de C18, C19, C20, C21.



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

É também nesse sentido que o dado expresso por C2 (abandono das crianças em abrigos ser algo também desmerecido) ou até mesmo a invocação divina em outros comentários poderiam provocar o que Plantin (2011) chama de subordinação de premissa de grupo. A subordinação do oponente só seria aceita nos casos em que se usaria um valor mais alto, como apresentado anteriormente para C2. Contudo, na interação polêmica, e mais particularmente nos comentários *online* analisados, parece haver uma simples recusa do valor maior, talvez pela ausência de mais comentários que expressassem esse dado. Pelo contrário, o grupo maior de comentários aparece atrelado a um valor ideal de família (C26) “aff... a constituição familiar não é essa”, o julgamento/desmerecimento da própria publicação da notícia C27 “Não sei como o Estadão tem o prazer de pública [publicar] essa matéria).

Comentários de C22, C23, C24, C25, C26, C27.



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

De um modo geral, os dados expressos pelos comentaristas acabam por reforçar o tipo de modalidade argumentativa do gênero comentário *online* e sobre a temática se revelam com marcas expressivas do discurso/argumentação polêmica. A dúvida sobre a constituição familiar, a retomada de uma tese de possível construção familiar normalizada em um casal composto por pessoas do mesmo sexo, acaba sendo mote da maioria dos comentários. Nesse sentido, em termos argumentativos, é possível ainda perceber a premissa apresentada por Plantin (2011) de que é melhor ser criticado do que ignorado, ao mesmo tempo que se valida um determinado discurso, provocando nele uma contradição. Assim, principalmente quanto às evidências comuns, provocar a polêmica, mesmo que se desconsidere determinadas evidências ou fatos (inseminação artificial, por exemplo) é também uma forma e estratégia de legitimar o discurso, seja pelos estereótipos, lugares-comuns ou evidências comuns. Não se pode esquecer também a profunda hierarquia de valores estendida como estratégia de mostrar força para impressionar o adversário.

Considerações finais

Como considerações finais do presente estudo, destacamos como dado positivo a utilização da interface entre planos teóricos para o estudo de textos nascidos em ambientes digitais (objetivo deste estudo). Pensando

no que é discutido e aceito como um plano de análise textual/discursivo, a seleção de conceitos da TAD, ATD e ADD pareceu, nesse primeiro momento, uma possibilidade acertada, mesmo que os estudos nessa área ainda estejam muito ligados ao que Paveau (2017) apresenta como hibridez entre abordagens pré-digitais e a urgência de evolução teórica necessária à análise dos tecnodiscursos. Em um plano analítico para a linguística de texto, as considerações da autora sobre o assunto se mostraram valiosas quanto a um tipo de descrição nos limites selecionados: por um lado, o textual, com a sequencialidade argumentativa dominante em contraste com a escolha dos dados da proposição argumentativa; por outro, o discursivo, com parâmetros da situação sociodiscursiva/interação, ação de linguagem visada e descrição do gênero.

Quanto à modalidade polêmica, a interação polêmica parece se nutrir basicamente de estereótipos, lugares-comuns e ideias comuns. Quando se pensa no estereótipo, ele aparece muito ligado a uma forma pejorativa, ou seja, culturalmente, nos parece que a argumentação polêmica é marcada por valores sociais que costumam guiar o emprego de certas construções para negar a tese de normalidade a uma relação com filhos no casamento homossexual. Esse dado acaba por sugerir para o comentário *online* maior presença de valores e negação a teses que, de certo modo, possam gerar a perda de uma identidade de grupo. A polêmica mostra nutrir-se dessa forma de dissenso, apenas sendo suplantada por uma contra-argumentação que se apresente mais relevante ao interesse coletivo do que em relação ao interesse particular de um grupo.

Agradecimentos

Nossos profundos agradecimentos à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pelo financiamento deste trabalho, por meio do Edital 02/2020 – PROPPG do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC).

Declaração de contribuição

Os autores declaram, para os devidos fins, que o texto foi concebido por ambas as partes sendo: organização e escrita teórica: autor primeiro e autora segunda; análise: quadros, coleta de dados e organização dos resultados por ambos os autores; revisão geral do texto: ambos os autores. Por ser verdade, firmamos a presente declaração.

Referências

- ADAM, J. M. *Textos: tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* Coordenação de tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Linguística, retórica e análise do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Tradução de Rosane Lorena de Brito, Mariza Angélica Paiva de Brito e Maria das Graças Santos Faria. Campinas: Pontes, 2020. p. 97-131.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Payot, 1982.
- CATELÃO, E. M. *Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica*. 2013. 238f. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- CATELÃO, E. M. Quando se perde o sentido da vida: valores em textos de suicidas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 19, p. 47-67, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-19-2328>
- CATELÃO, E. M.; IZIDORO, F. Argumentação em cartas de amor: uma análise textual sobre o valor e a valoração da morte. *Revista Investigações*, Recife, v. 33, número especial: Texto: gêneros, interação e argumentação, p. 70-94, 2020.
- CATELÃO, E. M. *et al.* A argumentação em linguística textual – o exemplo da polêmica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, XXXV., 2020, Virtual. *Anais [...]*. Londrina: ANPOLL, 2020. No prelo.

- CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística de texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 2020.
- EGGS, E. *Grammaire du discours argumentative*. Paris: Éd. Kimé, 1994.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation de la subjectivité dans la langage*. Paris: Colin, 1980.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos, scénographie, incorporation*. In: AMOSSY, R. (org.). *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999.
- PAVEAU, M. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Tradução de Jessica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira. Campinas: Pontes, 2020. p. 15-40.
- PAVEAU, M. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann, 2017.
- PÊCHEUX, M. *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.
- PERELMAN, C.; OLBRECTHS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PLANTIN, C. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução de Rodrigo dos S. Mota, Sébastien G. Giancola; Thaise A. dos Santos. Rev. trad. Moisés Olímpio-Ferreira; Sérgio I. Levemfous. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 17-37, 2011.
- ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (ed.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1978. p. 27-48. Disponível em: https://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.